

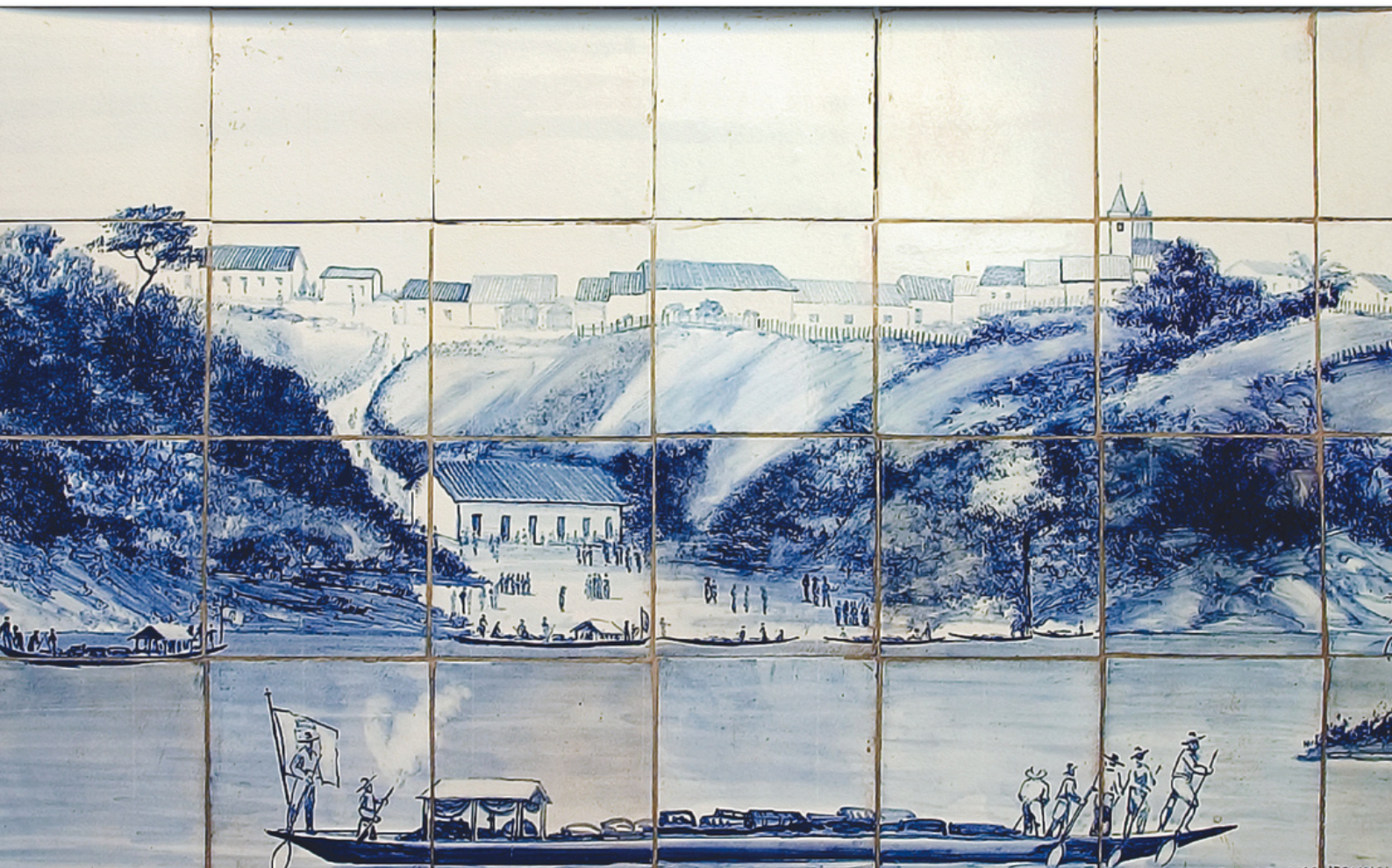
TIETÊ  
R|O MÓVEL

ESTRADA LÍQU|DA

O RIO | O HOMEM | O LUGAR



Relatório Final



Apoio Institucional:

Realização:



| Secretaria de Cultura e Economia Criativa

**GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO**

**João Doria**

Governador do Estado

**Rodrigo Garcia**

Vice-Governador do Estado

**Sérgio Sá Leitão**

Secretário de Cultura e Economia Criativa

**Cláudia Pedrozo**

Secretária Executiva de Cultura e Economia Criativa

**Frederico Mascarenhas**

Chefe de Gabinete de Cultura e Economia Criativa

**Paula Paiva Ferreira**

Coordenadora da UPPM

**SISTEMA ESTADUAL DE MUSEUS – SISEM-SP**

**Renata Cittadin**

Diretora do Grupo Técnico de Coordenação

**Grupo Técnico de Coordenação**

Luiz Fernando Mizukami

Luiz Antonio Palma e Silva

Carolina Rocha Teixeira

**ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA – ACAM PORTINARI**

**Paulo Augusto Coelho de Souza**

Presidente do Conselho Administrativo

**Angelica Fabbri**

Diretora Executiva

**Luiz Antonio Bergamo**

Diretor Administrativo Financeiro

**AÇÕES DE APOIO AO SISEM-SP – ACAM PORTINARI**

**Coordenadora de Ações de Apoio**

Joselaine Mendes Tojo

**Assistentes de Ações Técnicas**

Ana Carolina Xavier Avila

Barbara Rodrigues Paulote

Michael Lopes Argento

**PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO FELIZ**

**Dr. Antônio Cássio Habice Prado**

Prefeito de Porto Feliz

**Dr. José Geraldo Pacheco da Cunha Filho**

Vice-Prefeito

**Célio Peixoto dos Santos**

Chefe de Gabinete

**Bruno Mendonça Agostinho**

Secretário Municipal de Cultura, Esportes e Turismo

**CASA DA CULTURA DONA NARCISA STETTENER PIRES**

**Tânia Lima Barreiro Causin**

Assistente Administrativo

**EXPOSIÇÃO “TIETÊ – RIO MÓVEL ESTRADA LÍQUIDA”**

**Projeto Executivo**

Engenho Cultural

Assessoria e Consultoria em Museus

**Projeto Curatorial**

Jonas Soares de Souza

Museólogo

**Projeto Expográfico**

Rodrigo Luiz dos Santos

Museólogo

**Projeto Educativo**

Renata Gava

Esdras Casarini

**Design Visual**

Mayla Demanboro

**Agradecimentos**

Davidson Panis Kaseker

### **Instituições (fontes de imagens e documentos):**

Arquivo Histórico do Itamaraty – Rio de Janeiro, RJ.  
Arquivo Histórico Ultramarino – Lisboa, Portugal.  
Arquivo Nacional – Rio de Janeiro, RJ.  
Arquivo Público do Estado de São Paulo – São Paulo, SP.  
Arquivo Público e Histórico Municipal Sérgio Buarque de Holanda – Porto Feliz, SP.  
Biblioteca Nacional – Lisboa, Portugal.  
Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro, RJ.  
Biblioteca Nacional da França - Gallica (Bibliothèque Nationale de France – BnF).  
Biblioteca Pública de Évora – Portugal.  
Centro de Estudos de História do Atlântico – Funchal (Madeira), Portugal.  
Instituto Hercules Florence – São Paulo, SP.  
Museu Paulista da Universidade de São Paulo – São Paulo, SP.  
Museu Republicano “Convenção de Itu” – MP/USP – Itu, SP.

### **Colaboradores:**

- Alberto Vieira – doutor e Investigador do Centro de Estudos de História do Atlântico – CEHA, Portugal  
(in memoriam).
- Claudemir Aparecido Causin – professor de História e ator.
- Eduardo de Almeida Navarro – doutor, docente da USP, filólogo e lexicógrafo, especialista na língua tupi  
antiga e moderna.
  - Elton Bruno Ferreira – doutor em História e professor.
- Janaína Piva Mancio – arquivista, Arquivo Público e Histórico Municipal Sérgio Buarque de Holanda.
  - Jean Gomes de Souza – mestre em História Social e professor.
- Jorge Pimentel Cintra – doutor, docente e curador da coleção de cartografia do Museu Paulista da USP.
  - José Geraldo Garcia - pós-graduado em Planejamento e Marketing Turístico, Superintendente da  
Fundação Indaiatubana de Educação e Cultura - FIEC.
- José Sebastião Witter – doutor, ex-docente da USP, ex-diretor do Museu Paulista da USP (in memoriam).
  - Manuel Salvador Oliveira (Maneco) – fotógrafo e colecionador de fotografias antigas.
  - Maria Aparecida de Menezes Borrego – doutora, docente do Museu Paulista da USP e supervisora  
técnico-científica do Museu Republicano “Convenção de Itu” – MP/USP.
- Maria Ignez Zuccon Mantovani Franco – doutora em museologia, fundadora da Expomus Exposições  
Museus Projetos Culturais.
  - Rodolfo Jacob Hessel – doutor em História e professor.
- Synésio Sampaio e Góes Filho – diplomata e escritor, ex-embaixador do Brasil em Bogotá, Lisboa e  
Bruxelas.

Baseado no projeto curatorial: "Topônimos indígenas do Rio Tietê: Tietê, estrada móvel/ Tietê, estrada líquida" - desenvolvido pelo Prof. Dr. Jonas Soares de Souza, é que foi elaborado o projeto expográfico envolvendo a participação ativa do corpo de colaboradores da Secretaria Municipal de Cultura, Esportes e Turismo de Porto Feliz, a equipe da Engenho Cultural e o Prof. Jonas Soares de Souza.

A construção conjunta da base expográfica, considerou os encaminhamentos da equipe da Secretaria de Cultura, dado o desejo genuíno em poder melhorar o espaço expositivo da Casa da Cultura Dona Narcisa Stettener Pires, e poder trabalhar de modo mais enfático os temas concernentes as Monções, devido ao fato, do Museu estar fechado há duas décadas.

Desde sua criação o Museu foi instalado em diferentes espaços até sua última morada no então edifício do antigo Grupo Escolar (Ginásio Estadual Monsenhor Séckler). A partir de 2010, face as intervenções de estudo para o futuro projeto de restauro em sua sede, o acervo foi transferido para um galpão alugado pela Prefeitura, todavia de forma inadequada.

A partir do ano de 2016, com a cooperação estabelecida entre a municipalidade, o GTC SISEM-SP e a ACAM Portinari, houve o redirecionamento dos trabalhos, tecnicamente alicerçados em conceitos museológicos, estruturando novas bases de ação. Desse modo, foi realizado a readequação do espaço de guarda do acervo museológico, a feitura do inventário institucional e a conferência do acervo, este último, tendo sido realizado pela última vez em 1982.

As ações de cooperação técnica entre as partes estendem-se desde então, e enquanto se aguarda a Execução do Restauro do Sobrado Coronel Esmédio e o retorno de seu acervo museológico à sua sede, efetivou-se a montagem de uma exposição temporária com o objetivo de restabelecer o contato entre a população local e o acervo museológico, criando novamente, através de ações de comunicação museológica, diálogos entre os sujeitos e o acervo. Afinal, as exposições como processos de comunicação compreendem um dos pilares de uma instituição museológica, é por meio dela que se dá a aproximação direta entre o museu e o seu público.

O processo de montagem da exposição temporária e transitória, envolveu a equipe da Casa da Cultura Dona Narcisa Stettener Pires, que esteve ora motivada, ora receosa, pelo fato, de tudo parecer novo. Nesse processo, a participação ativa da Sra. Tânia Lima Barreiro Causin, foi de fundamental importância para o desenvolvimento do projeto, na medida em que, desempenhou com maestria o papel de articuladora entre a equipe da Engenho Cultural e da Secretaria de Cultura do município, para o amplo sucesso do projeto.

No processo de construção conjunta da base curatorial, foram realizados dois encontros presenciais e cinco encontros de modo remoto, afinal, ainda vivíamos sob o período áureo da Pandemia ocasionada pela COVID-19.

A seguir apresentamos os três principais eixos que norteiam a exposição: O Homem, O Rio e O Lugar.

# O RIO

## O curso do Rio Tietê

De acordo com o Departamento de Águas e Energia Elétrica do Estado de São Paulo, o rio Tietê, desde sua nascente no município de Salesópolis, até a sua foz no rio Paraná, tem um comprimento de 1.136 quilômetros, passando por 62 cidades paulistas até desembocar no Rio Paraná, entre Itapura e Castilhos, na fronteira com Mato Grosso do Sul.

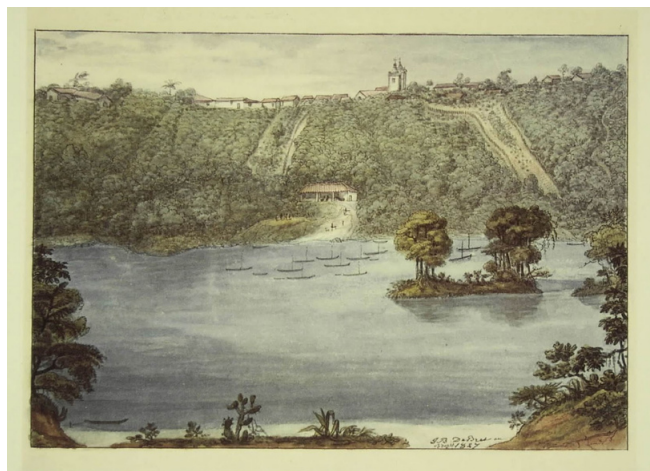
A maioria dos rios correm em direção ao mar, mas o Tietê, ao contrário, corre no sentido Leste-Oeste. A sua nascente em Salesópolis, localizada na região metropolitana de São Paulo, na Serra do Mar, está a 1.120 metros de altitude, em uma área coberta por Mata Atlântica e ainda hoje preservada. Entretanto, mesmo estando a menos de 22 quilômetros em linha reta do Oceano Atlântico, o curso do rio encontrou o caminho mais fácil rumo ao interior.

O Tietê é o mais importante rio do Estado e um dos mais importantes da Região Sudeste. Suas águas são exploradas para navegação, turismo, produção de energia, uso em plantações agrícolas e abastecimento de cidades. Entretanto, também é um dos mais poluídos do país. Seus grandes inimigos estão na região metropolitana de São Paulo, onde a maior parte dos dejetos das indústrias e do esgoto produzidos nas casas são jogados no Tietê.

De acordo com a Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo - Sabesp, na região metropolitana são lançados três bilhões de litros de esgoto e dejetos industriais por dia, uma média de 35 mil litros por segundo. Por essa razão, o trecho que cruza a capital paulista e suas cidades vizinhas é considerado morto, sem oxigênio e extremamente prejudicial à saúde. Projetos de despoluição começaram a aparecer desde a década de 1920. Atualmente, mesmo com a poluição e contaminação resultantes do desenvolvimento urbano e industrial, é o Tietê que abriga algumas das usinas hidrelétricas mais importantes do Estado: Ibitinga, Bariri e Barra Bonita.



Queda do Tietê perto de Itu - Fonte: J.B.DEBRET. Quarenta paisagens inéditas do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina. Apresentação de J.F. de Almeida Prado e notas de Newton Carneiro (Reprodução de aquarelas originais que pertencem aos Condes de Bonneval). São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1970. Exemplar da Biblioteca do Museu Paulista da USP. Foto Júlio Abe Wakahara.



Porto Feliz, vista da margem ocidental do Tietê. 1827 - Fonte: J.B.DEBRET. Quarenta paisagens inéditas do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina. Apresentação de J.F. de Almeida Prado e notas de Newton Carneiro (Reprodução de aquarelas originais que pertencem aos Condes de Bonneval). São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1970. Exemplar da Biblioteca do Museu Paulista da USP. Foto Júlio Abe Wakahara.

A meditação sobre o Tietê  
Mário de Andrade (1944/1945)

Água do meu Tietê,  
Onde me queres levar?  
- Rio que entras pela terra  
E que me afastas do mar...  
É noite. E tudo é noite. Debaixo do arco admirável  
Da Ponte das Bandeiras o rio  
Murmura num banzeiro de água pesada e oliosa.  
É noite e tudo é noite. Uma ronda de sombras,  
Soturnas sombras, enchem de noite de tão vasta  
O peito do rio, que é como si a noite fosse água,  
Água noturna, noite líquida, afogando de apreensões  
As altas torres do meu coração exausto. De repente  
O óleo das águas recolhe em cheio luzes trêmulas,  
É um susto. E num momento o rio  
Esplende em luzes inumeráveis, lares, palácios e ruas,  
Ruas, ruas, por onde os dinossauros caxingam  
Agora, arranha-céus valentes donde saltam  
Os bichos blau e os punidores gatos verdes,  
Em cânticos, em prazeres, em trabalhos e fábricas,  
Luzes e glória. É a cidade... É a emaranhada forma  
Humana corrupta da vida que muge e se aplaude.  
E se aclama e se falsifica e se esconde. E deslumbra.  
Mas é um momento só. Logo o rio escurece de novo,  
Está negro. As águas oliosas e pesadas se aplacam  
Num gemido. Flor. Tristeza que fimbria um caminho de morte.  
É noite. E tudo é noite. E o meu coração devastado  
É um rumor de germes insalubres pela noite insone e humana.  
Meu rio, meu Tietê, onde me levas?  
Sarcástico rio que contradizes o curso das águas  
E te afastas do mar e te adentras na terra dos homens,  
Onde me queres levar? ...  
Por que me proíbes assim praias e mar, por que  
Me impedes a fama das tempestades do Atlântico  
E os lindos versos que falam em partir e nunca mais voltar?  
Rio que fazes terra, húmus da terra, bicho da terra,  
Me induzindo com a tua insistência turrona paulista  
Para as tempestades humanas da vida, rio, meu rio! ...

Lagoa  
Carlos Drummond de Andrade

Eu não vi o mar.  
Não sei se o mar é bonito,  
não sei se ele é bravo.  
O mar não me importa.

Eu vi a lagoa.  
A lagoa, sim.  
A lagoa é grande  
e calma também.

Na chuva de cores  
da tarde que explode  
a lagoa brilha  
a lagoa se pinta  
de todas as cores.  
Eu não vi o mar.  
Eu vi a lagoa. . .

# O HOMEM

## As monções

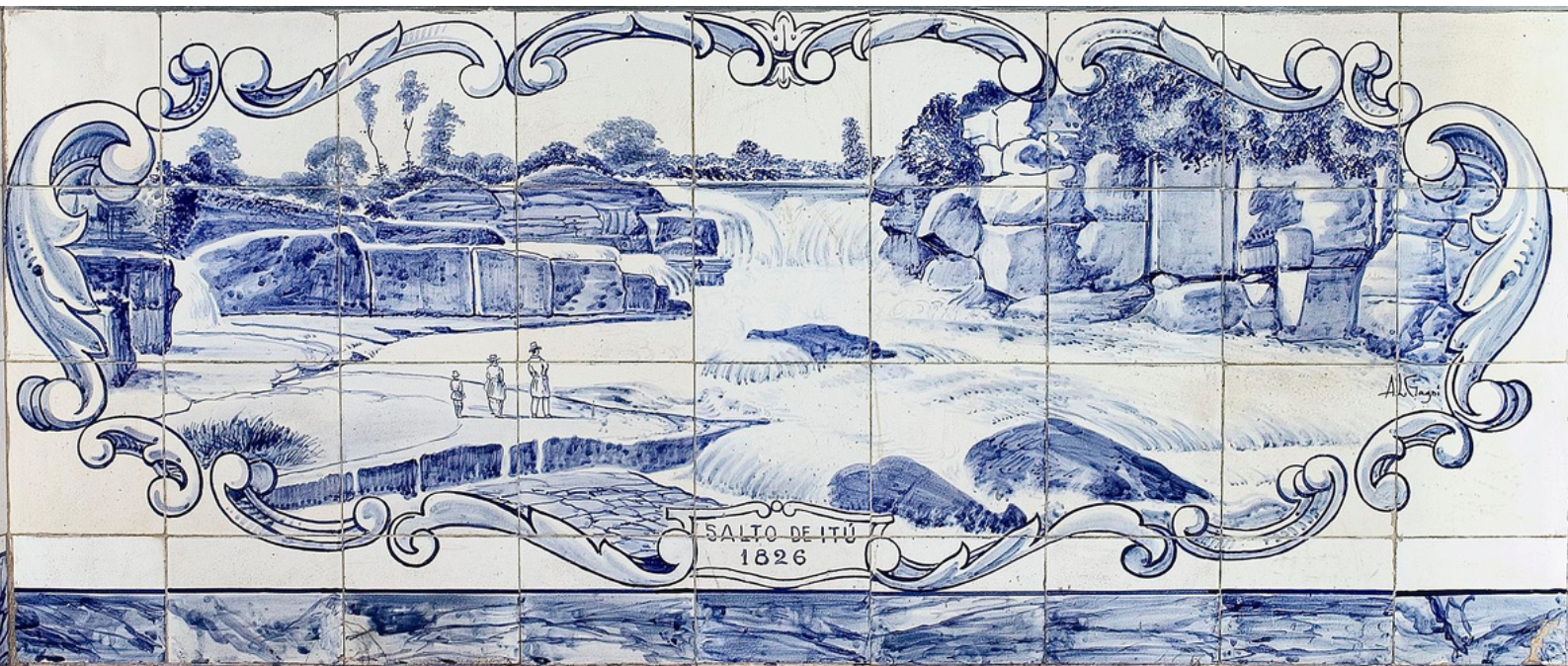
Monções foi o nome que se deu as expedições fluviais realizadas continuamente entre o porto de Araraguaba, hoje Porto Feliz, e Cuiabá, nos séculos XVIII e inícios do XIX, navegando os rios Tietê, Paraná, Pardo, Coxim, Taquari, Paraguai, São Lourenço e Cuiabá. A rota das monções começou a ser usada regularmente a partir dos anos de 1720, com o descobrimento do ouro no rio Coxipó e outros afluentes do rio Cuiabá. Esses rios formaram uma rede de “estradas móveis”, ou “estradas líquidas”, que favoreceram a fundação de vilas, o povoamento do território, a busca de metais preciosos e o comércio entre os núcleos de povoação.

A palavra monção tem a sua origem no árabe, e é geralmente usada para designar ventos alternados, que antigamente determinavam a melhor época para navegar no oceano Índico. Na América portuguesa, o termo monção nomeou as estações adequadas às viagens, reguladas com o regime das águas, e por extensão, as expedições fluviais. A época mais favorável para viajar entre Araraguaba e Cuiabá situava-se entre fins de março e meados de junho, depois do período mais intenso das chuvas e antes das secas. Nos primeiros tempos, a viagem chegava a durar sete meses, o mesmo tempo que se gastava para ir de Lisboa a Goa, nas Índias, contornando o Cabo da Boa Esperança.

O extraordinário, em viagem tão longa e de mais de cem cachoeiras, todas diversas “não só entre si, mas cada uma de si mesma, à medida que os rios levam mais ou menos água”, conforme pondera uma testemunha, era a capacidade que tinham esses homens de reter na memória todas as manobras necessárias para enfrentar tantas dificuldades. A destreza com que sabiam vencer todos esses obstáculos, a consciência de sua grave responsabilidade e o prestígio de que justamente desfrutavam, podiam dar a alguns proeiros toda a chibança de um vilão obsequiado e respeitado. (HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Monções e Capítulos de expansão paulista*, 2014).

Uma das mais famosas monções, e a maior delas, a do governador e capitão general Rodrigo Cesar de Menezes, deixou o porto de Araraguaba em 1726 e singrou águas dos rios Tietê, Paraná, Pardo, Camapuã, Coxim, Taquari, Paraguai, Porrudos (hoje rio São Lourenço), até finalmente chegar a Cuiabá. Essa monção reuniu cerca de 3000 pessoas, acomodadas em 308 canoas. Assim, algumas imensas, outras de dimensões mais acanhadas, as monções aos poucos se firmaram como expedições comerciais e de povoamento, ajudaram a ocupar e proteger as fronteiras do Brasil, a desenvolver a agricultura, a criação de gado e a germinar muitos povoados, hoje cidades, que foram plantados ao longo do caminho fluvial de aproximadamente 3500 quilômetros. Basta citar duas: Tietê, logo no início da jornada, e Cuiabá, o destino final. A partida de uma monção se constituía em evento solene, consolidado nas representações iconográficas posteriores de Adrien Taunay, Hercules Florence e Almeida Júnior.

Salto de Itú (1826), baseado em desenho de Hercules Florence. Pannel de azulejos, 50X135 cm, executado entre 1942 e 1945 pelo artista plástico Antônio Luiz Gagni (1897 -?). Acervo do Museu Republicano Convenção de Itú/MP-USP. Foto Júlio Abe Wakahara.



# O LUGAR

## De Ararituaba a Porto Feliz: de freguesia a vila

A antiga Freguesia de Nossa Senhora da Penha de Ararituaba, criada nas primeiras décadas do século XVIII, foi elevada à condição de vila no reinado de D. Maria I, rainha de Portugal, sendo governador da capitania de São Paulo Antônio Manuel de Melo Castro e Mendonça.

O anúncio desse ato foi realizado no dia 13 de outubro de 1797.

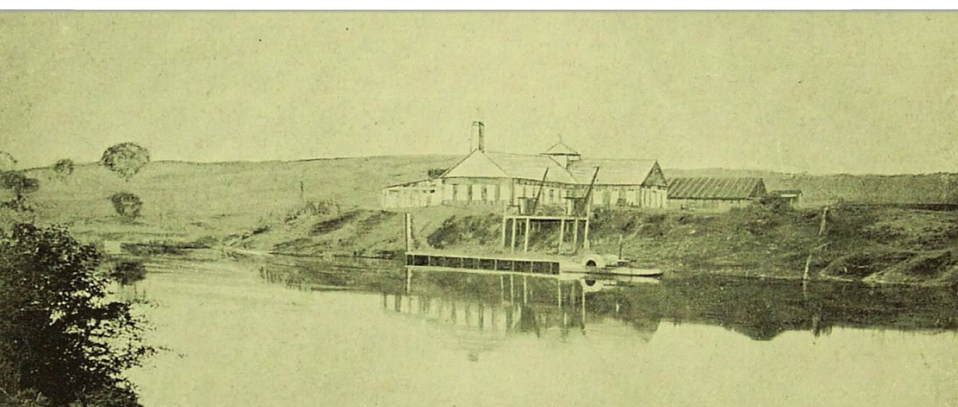
O povoado às margens do lendário rio Tietê, conhecido como Ararituaba, pertencia até então ao termo da vila de Itu. Manteve o nome indígena até 1797. Com a nova condição de vila, passou a se chamar Porto Feliz e alcançou a sua autonomia. A vila era uma unidade política e administrativa autônoma equivalente a município, com direito a ter Câmara e cadeia. Conquistada essa condição, uma das primeiras providências foi o levantamento do Pelourinho, uma coluna que simbolizava a autonomia, geralmente feita de pedra. O termo era o território da vila, dividido em freguesias. A sede do termo ficava nas respectivas vilas ou cidades.

A portaria assinada pelo governador da capitania concedia à freguesia de Ararituaba a condição de vila, denominando-a Vila de Porto Feliz, e determinava a definição do território do termo, a ereção do Pelourinho, a demarcação do terreno para a construção dos Paços do Conselho e cadeia, a eleição de juizes, vereadores e demais oficiais da Câmara. O ato atendia ao pedido dos moradores da freguesia de Ararituaba, que nesse sentido enumeravam os vários incômodos atribuídos à distância de léguas da sede do termo, a Vila de Itu.

Mas, o governador também o justificava por ser o local um porto frequentado por comerciantes das minas de Cuiabá e por expedições destinadas por Sua Majestade aos vastos sertões, algumas delas chegando a alcançar a fronteira da América espanhola. Em seguida, o governador vaticinava: por isso, Porto Feliz tem toda a capacidade e disposição para vir a ser em poucos anos uma das vilas mais opulentas desta capitania.



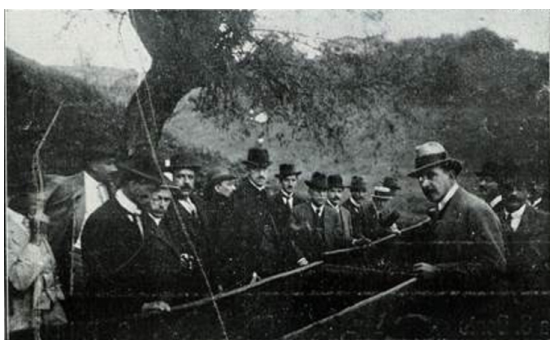
Porto Feliz em 1916, vendo-se em primeiro plano a chácara com a Casa Dona Narciza, que hoje abriga a Casa de Cultura. Reprodução do acervo do Arquivo Histórico Sérgio Buarque de Holanda, Porto Feliz.





Imagens da visita da comitiva do presidente (governador) do Estado de São Paulo, Washington Luis Pereira de Souza a Porto Feliz, para a inauguração do trecho Itu – Porto Feliz da Estrada São Paulo – Mato Grosso, depois Via Rondon, em 1923. “Esta estrada de rodagem faz por terra o antigo caminho fluvial das Monções”, disse o presidente na ocasião. Coleção Júlio Abe Wakahara.

## O monumento



Membros do governo estadual de São Paulo examinam em Porto Feliz uma embarcação usada nas Monções. Fotografia publicada na revista A vida moderna (São Paulo), n. 318, 16 de agosto de 1917. Acervo da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.



Cartão postal da casa J. Guimarães, com a reprodução do quadro Partida da Monção, de Almeida Júnior, que circulou no exterior em 21 de março de 1904. Reprodução do acervo do Arquivo Histórico Sérgio Buarque de Holanda, Porto Feliz.



Inauguração do Parque das Monções. Da esq. p direita, o segundo e Taunay, depois Altino Arantes e Candido Moffa - 1920.

A poucos metros das águas do Tietê um elegante conjunto escultural rememora o movimento das monções do século XVIII. No monumento destaca-se a coluna em mármore rosa, arrematada por uma esfera armilar em ferro batido. Na base, uma êxedra, isto é, uma espécie de banco de pedra semicircular com encosto alto. A face interna da seção que serve de encosto apresenta três baixos relevos em bronze. Os baixos relevos reproduzem três famosas representações visuais das monções: A partida da monção, quadro pintado pelo pintor ituano José Ferraz de Almeida Júnior, A benção das canoas, desenho de Hercules Florence datado de 1826 e A partida de Porto Feliz, desenho de Adriano Taunay também datado de 1826. Das três obras, a mais conhecida é o quadro de Almeida Júnior, pintado em 1897 com base nos desenhos de Hercules Florence e Adriano Taunay e estudos no próprio lugar. O quadro pertence ao acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

O monumento foi produzido pelo escultor italiano Amedeo Zani. Com uma história de vida parecida a de tantos outros imigrantes, Zani chegou ao Brasil em 1887. Em São Paulo fez estágio no escritório do arquiteto Tommaso Gaudenzio Bezzi, que então construía o edifício que depois abrigaria o Museu Paulista. Depois, frequentou o ateliê do escultor Rodolpho Bernardelli, no Rio de Janeiro. Viajou para a Europa, passou por Paris, morou um tempo na Itália e aos 27 anos voltou ao Brasil.

Na capital paulista exerceu o magistério no notável Liceu de Artes e Ofícios, a convite do engenheiro-arquiteto Ramos de Azevedo. Amedeo Zani também é o autor de Glória Imortal aos Fundadores de São Paulo, conjunto comemorativo à fundação da cidade localizado no centro do Pátio de Colégio em São Paulo. Neste monumento, uma elegante coluna é encimada por uma emblemática figura feminina.

A esfera armilar é a representação de antigo instrumento de cosmografia usado nas navegações e observações astronômicas. O instrumento fixava a posição dos astros no espaço. Na parte central está a Terra, em volta da qual se movimentam os astros, representados por diversos aros. A esfera armilar tem importante significação na armaria portuguesa e na tradição brasileira. Ela está presente na bandeira de Portugal. Em Funchal, na Ilha da Madeira, uma imensa esfera armilar embeleza uma praça próxima ao mar. Em Porto Feliz, além daquela do topo da coluna do monumento no Parque das Monções, outra esfera armilar foi assentada no centro do antigo Largo da Penha, sítio no qual nasceu a povoação.

O rei D. Manuel I, o Venturoso, tomou por bandeira pessoal uma esfera armilar de ouro em campo esquadrelado em aspa, de branco e vermelho.

D. Manuel I teve seu nome ligado à mais gloriosa fase de Portugal, na qual os navegadores fizeram as descobertas que encaminhariam a Europa à modernidade. A esfera armilar figurou na bandeira branca do principado do Brasil, criado em 1647. D. João VI escolheu o mesmo símbolo em 1816, uma esfera armilar de ouro em campo azul, para o Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. Depois da Independência D. Pedro I respeitou a tradição e manteve o símbolo, dando por armas ao Brasil uma esfera armilar em ouro, em campo verde, atravessada por uma cruz da Ordem de Cristo e circundada por uma orla azul com 19 estrelas de prata. Esse foi o brasão de armas do Brasil até a Proclamação da República.

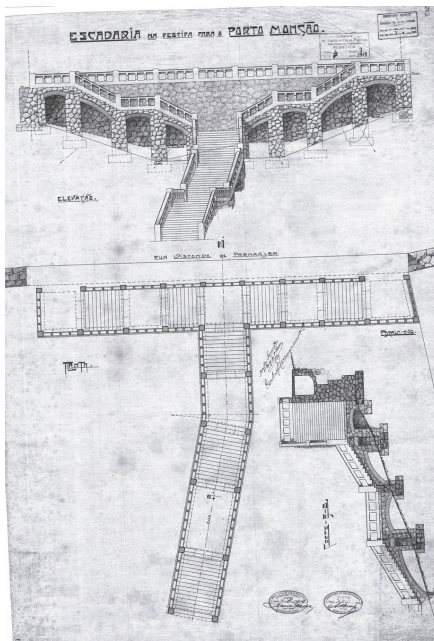
## A celebração

Os idealizadores do monumento que rememora as monções colocaram a esfera armilar no topo da coluna para representar um elo entre os descobrimentos portugueses do século XV e as grandes expedições fluviais que, três séculos depois, partiam de Porto Feliz com a missão de explorar e povoar a região fronteiriça às terras dominadas pelos espanhóis.

O monumento foi encomendado por Cândido Mota, na época Secretário de Estado dos Negócios da Agricultura. A sua inauguração se deu a 26 de abril de 1920. A festa de inauguração contou com a presença de Altino Arantes, governador do Estado de São Paulo [que naquela época era chamado de Presidente de Estado], e de um grupo de jornalistas e historiadores. Afonso de Escragnoille Taunay, que além de historiador era o então diretor do Museu Paulista – popularmente chamado de Museu do Ipiranga, fez o discurso oficial da solenidade. Ele dedicou a sua fala à Glória das Monções.



Monumento às Monções, na década de 1950 – Coleção José Sebastião Witter. Acervo do Arquivo Histórico Sérgio Buarque de Holanda, Porto Feliz.



Projeto da escadaria para o porto das monções. Diretoria de Obras Públicas/Secretaria de Viação e Obras Públicas do Estado de São Paulo, 1919. Reprodução do Arquivo Histórico Sérgio Buarque de Holanda, Porto Feliz.

## Parque das Monções, lugar de memória

“Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma a outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam, ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta e a torna sempre prosaica”.

(Pierre Nora, *Les Lieux de mémoire*, 1984)



A banda em dia de festa nas escadarias de acesso ao porto das monções, s/d. Reprodução do acervo do Arquivo Histórico Sérgio Buarque de Holanda, Porto Feliz.



A multidão que assistiu à inauguração do monumento sobe as escadarias de acesso ao Porto das Monções, a 26 de abril de 1920.  
Reprodução do acervo do Arquivo Histórico Sérgio Buarque de Holanda, Porto Feliz.



## Projeto Expográfico

A ideia propulsora para a criação desse projeto, partiu da contextualização dos referenciais históricos desencadeados a partir das monções. Assim, alicerçados a conjectura da utilização das canoas para adentrar os sertões, através do Rio Tietê, ou seja, da estrada móvel, aquela que é mutável, de acordo com novas descobertas de caminhos tanto pelos leitos dos rios, seus afluentes, assim como, pelas entradas a partir das margens do rio. Mas também, pela ideia da estrada que é líquida, que tem sua representatividade não somente pelos caminhos naturais das águas do rio, mas também, pela descoberta do novo, do desconhecido, do sobrenatural, do medo, da liquidez dos sentimentos frente a aventura.

Assim, pensamos em utilizar para a confecção de todo mobiliário expositivo madeira ecológica em diferentes formatos, espessuras e tipologias, a fim de fazer alusão tanto as madeiras utilizadas na construção das embarcações, assim como, no corte das matas para a abertura de picadas/passagens a partir das margens dos rios, para a formação de paragens em meio as rotas de descobrimento das minas de ouro de Cuiabá.

Em cada módulo a tipologia do mobiliário muda em aspectos gerais tanto o uso da madeira como seu design, a fim de deixar implícito para o visitante, que apesar de estarmos tratando um mesmo assunto, o tema trabalhado é outro, perfazendo desse modo, através do próprio mobiliário o fio condutor do circuito expositivo.

Partimos ainda da demanda, de que a exposição montada tem caráter provisório, afinal, assim que as obras de restauro do novo espaço do Museu estejam finalizadas, e o museu seja remodelado, para sua abertura, essa exposição que ora montamos na Casa de Cultura, poderá ser facilmente desmontada e incorporada ao novo espaço, por ser modular, ou seja, fácil de ser readaptada em qualquer espaço. Assim como, também pode ser utilizada como uma exposição itinerante, e ser trabalhada/montada em museus e espaços culturais em cidades vizinhas, assim como, nas cidades do interior paulista.

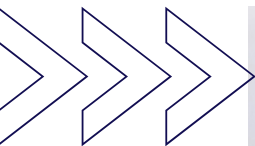
Pontuamos, que o mobiliário desenvolvido para o espaço, poderá sofrer considerável abalo em suas estruturas, ao longo do tempo, devido a grande quantidade de focos de cupim no espaço, principalmente no madeiramento do teto. Durante o desenvolvimento do projeto, a administração da municipalidade cogitou o tratamento da infestação, antes da entrada do mobiliário expográfico, todavia, o mesmo não ocorreu.

A saber, poucas melhorias foram realizadas no espaço pela municipalidade, como por exemplo, a pintura interna e externa do casarão, a substituição da pia da copa e a compra de um novo bebedouro para o espaço.

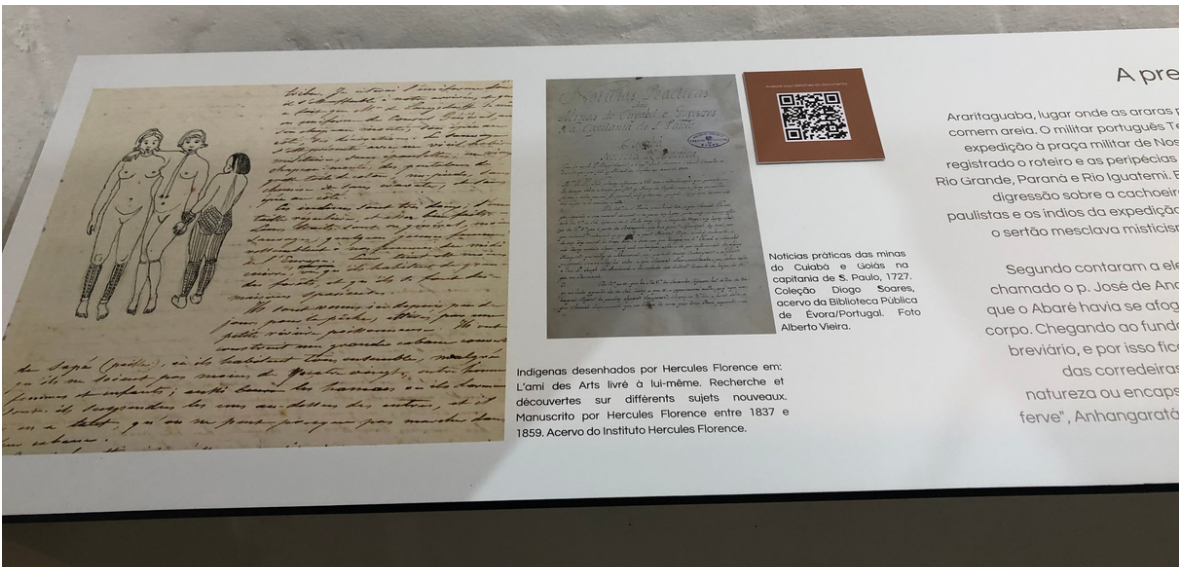
Antiga Expografia:

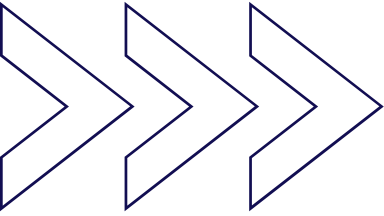


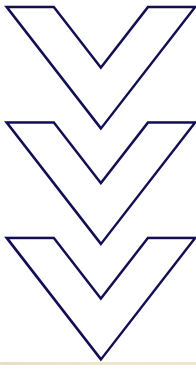
Nova Expografia:











Optamos pela pouca utilização de acervo bidimensional e tridimensional do Museu Histórico Pedagógico das Monções Romeu Castelucci no projeto expográfico, dado a fragilidade de grande parte do mesmo, assim como, a ausência de informações essenciais do processo de catalogação, principalmente, no que toca a pesquisa do acervo.

Notamos uma ausência dos trabalhos técnicos, principalmente no gerenciamento do acervo em todas as suas esferas: gestão, organização, conservação preventiva, etc. Para a primeira visita a Reserva Técnica do museu, a Secretaria de Cultura solicitou uma "limpeza" no local, pois havia meses que não entravam no espaço.

Percebemos assim, que após o trabalho técnico de organização, arrolamento e acondicionamento do acervo desenvolvido pela ACAM-Portinari, com ações pontuais desde 2016, a municipalidade não se empenhou em dar continuidade ao processo que lhe é originário, como premissa das atividades a serem desenvolvidas no museu, principalmente para a salvaguarda desse rico e importante acervo.

Decidimos então, pela reprodução de alguns quadros, pois as telas e molduras encontravam-se infestadas de cupim, dentre outras fragilidades. Reproduzimos os mapas e fotografias em material adesivo, para maior durabilidade no projeto expográfico, devido, a ausência de um plano de conservação preventiva do acervo, dada a ausência de colaboradores para o desenvolvimento das atividades do museu, dentro do quadro de funcionários da Prefeitura. No período de desenvolvimento do projeto, havia somente duas pessoas direcionadas para o trabalho no museu, uma auxiliar administrativa realocada de outro espaço da administração municipal e uma com o cargo de serviços gerais, ligada a limpeza do espaço.

Ancorados a esses fatores cruciais do corpo de colaboradores técnicos do museu, e as aflições das colaboradoras alocadas pela municipalidade, frente aos novos papéis a serem desempenhados para a conservação e salvaguarda do acervo, realizamos 4 oficinas de higienização mecânica de acervo, perfazendo a carga horária de 30 horas.

Para a canoa, e outros objetos em suporte madeira, realizamos conjuntamente com a equipe do museu, a higienização mecânica, seguida de procedimentos de conservação preventiva, com a utilização de cera de carnaúba e óleo vegetal, para proteção das madeiras que estavam com aspecto envelhecido, devido à falta de uma higienização pormenorizada e regular. Podemos dizer, que esse momento foi muito importante, para que a equipe local, compreendesse a necessidade da higienização do acervo, tanto da exposição temporária, como do acervo acondicionado em Reserva Técnica, como premissa básica para a salvaguarda do acervo.

Os ambientes da Casa de Cultura, possuem sistema de iluminação convencional simples. Os ambientes possuem forma retangular, tendo como cor padrão de suas paredes de pau-a-pique e a cor branca. As portas que dão acesso ao local, assim como, a grande quantidade de janelas, dão acesso direto para a entrada de iluminação natural. Possui pé direito de 3,80 metros.

Assim, sugerimos a implantação de um Sistema de Iluminação com Trilhos Eletrificados para Spots Direcionáveis, contando com uma estrutura composta por trilhos, que preenchem todo o teto de cada um dos quatro espaços expositivos, assim como do seu corredor central, perfazendo todo o percurso expositivo. Os Spots com foco dirigível, amplamente ajustável às necessidades de iluminação da exposição, poderão receber diversos tipos de lâmpadas, dado sua estrutura universal, sobretudo, utilizamos lâmpadas LED nas cores frias e quente para criar uma ambientação interessante para o projeto expográfico, valorizando o acervo e a edificação.

Considerando o espaço expositivo, mas, sobretudo, o acervo a ser exposto, frente ao Índice de Iluminância permitidos pelo ICOM, o tipo de suporte está classificado como moderadamente sensível (plotagens, objetos em couro, papel, tecido, madeira). Trabalhamos com um índice de iluminância de no máximo 150 lux. Recomenda-se, o nível de UV não ultrapasse a faixa de 75 W/lm (microwatts por lúmen) e o tempo de exposição seja controlado.

Desse modo, o projeto de iluminação buscou primeiramente a conservação e preservação das obras, assim como, a valorização estética das mesmas, para a maior fruição do espectador, por meio da escolha adequada do tipo de lâmpada, controle do índice de iluminância, posição dos focos, evitando ofuscamento, sombras, sendo distribuídas pelo espaço por meio de uma iluminação geral e semi-indireto.

Dadas as especificidades do suporte do objeto a ser exposto, em painéis móveis/paredes falsas, vitrinas e mesas expositivas, optamos por utilizar dois tipos de lâmpadas LED, objetivando a abrangência da abertura do foco, cor da luz e os índices de iluminamento, visto que o LED não emite raios UV e Infravermelho, tem baixa emissão de calor, o que ajuda a manter uma temperatura sadia sobre as peças e agradável a sensação do ambiente.

#### Características técnicas da lâmpada:

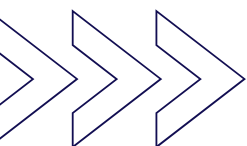
LED par 30: Potência: 11W; Voltagem: 100-240V; Ângulo de abertura: 25°; Durabilidade: 40.000h; Cor da luz: 3.000K; IRC: >80; Luminosidade: 650 lumens; Intensidade luminosa: 2400 cd.

LED AR 111: Potência: 12W; Voltagem: 100-240V; Ângulo de Abertura: 24°; Durabilidade: 40.000h; Cor da luz: 2.700 K; IRC: >80; Luminosidade: 610 lumens; Intensidade Luminosa: 3.620 cd.

Para a instalação do novo sistema de iluminação, contratamos a empresa EngPira. Os técnicos da empresa encontraram um cenário grave no forro da edificação da Casa da Cultura: fiação desencapada, fiação antiga, ainda envolta em tecido, e muitos problemas no telhado, como ausência de telhas e telhas quebradas.

Em uma das reuniões com a equipe local da Prefeitura de Porto Feliz, através do Senhor Secretário de Cultura, apresentamos o cenário, e o mesmo se prontificou a arrumar os problemas detalhados em prazo de dias. O que não ocorreu, cabendo a empresa contratada EngPira, a arrumação do telhado.

Cabe ainda ponderar, que uma vez instalada a nova iluminação, ocorreu uma forte chuva na cidade de Porto Feliz, e devido aos problemas do telhado, alguns trilhos e lâmpadas foram danificados, tendo de serem substituídos, de modo a não comprometer o projeto.

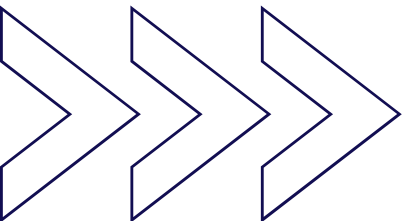


Antigo Sistema de Iluminação:



Novo Sistema de Iluminação:







# Projeto Educativo e Cultural

Entendendo a ação educativa e cultural como uma das funções essenciais aos espaços de memória para além das atividades de preservação, conservação e comunicação de seus acervos, como meio de exercer seu papel na transformação social e na interpretação da cultura e da memória, pontuamos que as propostas elencadas são formalizadas por atividades extracurriculares e de sociabilização que refletem a exposição “Tietê – Rio Móvel, estrada líquida – o rio, o homem, o lugar”, como recurso pedagógico e sociocultural. Os temas abordados são rio Tietê, topônimos e cultura indígena, monções e seus feitos, porto das monções e Porto Feliz.

Consideramos a importância das atividades e sua possibilidade de estimular reflexões e o desenvolvimento da capacidade crítica dos públicos, respeitando os saberes e experiências de vida de visitantes. Elencamos um conjunto de materiais e eventos preparados a partir da amplitude da exposição, das atividades institucionais e interação espaço/comunidade respeitando as características, as necessidades e os interesses da população local, garantindo a preservação da diversidade e do patrimônio cultural e natural e a difusão da memória sociocultural.

Propomos estabelecer redes de parcerias com escolas, associações e iniciativas comunitárias unidas por vínculos históricos relacionados a aspectos territoriais, étnicos, culturais e/ou de gênero, em especial quando movidas ou organizadas em prol da defesa e promoção do Direito à Memória, História e Vida.

Para tanto, foram realizadas 7 oficinas de capacitação de modo remoto, com carga horária de 14 horas, direcionada exclusivamente aos profissionais do espaço cultural. 2 oficinas de capacitação de modo presencial, com carga horária de 8 horas e um treinamento presencial, já com a exposição montada, com carga horária de 3 horas. Perfazendo ao todo, 25 horas de capacitação para o desenvolvimento do programa educativo, turístico e cultural, tendo como fio condutor, os seguintes eixos:

- 1 – Acolhida de visitante;
- 2 – Plano de Comunicação;
- 3 – Instrumentos de Avaliação;
- 4 – Atendimento de públicos especiais;
- 5 – Mediação à exposição;
- 6 – Mediação à exposição aos funcionários;
- 7 – O que conta esta história?;
- 8 – Seminário para professores;
- 9 – Atendimento ao público escolar;
- 10 – Produtos Culturais e Turísticos;
- 11 – Intercâmbio e parcerias de formação;
- 12 - Caderno do Educativo para Professores.

Cabe ponderar, que o desenvolvimento do projeto do educativo, ocorreu de modo tensionado, pois, alguns colaboradores escalados pela Prefeitura de Porto Feliz para exercer a função de educador no museu, não ocorreu de forma satisfatória, pois a municipalidade entendeu, que esses funcionários exerceriam tal função apenas nas primeiras semanas seguida a inauguração da exposição. E, embora, o projeto e a contrapartida da municipalidade para com a proposta, reforçasse o contrário, houve uma tensão constante nas oficinas de mediação.

Compreendemos o quão difícil é para uma equipe em formação, e com uma nova exposição com tantas frentes de trabalho, o entendimento do fazer museológico e suas múltiplas esferas, principalmente no que toca a educação como um espaço não formal. Desse modo, conseguimos realizar as oficinas e mesmo conquistar, a priori, os colaboradores para o desenvolvimento das novas funções com entusiasmo, todavia, o mesmo não ocorreu com a coordenação local da Secretaria de Cultura, que constantemente questionava o papel desempenhado pela equipe da Engenho Cultural no desenvolvimento do projeto educativo, chegando mesmo, a colocar os próprios colaboradores, uns contra os outros, criando um clima pesado e desnecessário.

Pontuamos tais informações, pois sentimos por diversas vezes um desconforto da coordenação da cultura com a presença da equipe da Engenho Cultural, que não nos compreendia como apoiadores e incentivadores para o amplo sucesso do projeto. E ressaltamos que a equipe direcionada para o desenvolvimento do programa do educativo foi apaixonante. Se dedicaram, estudaram, se envolveram com o projeto e se fascinaram com a realização das primeiras atividades. Promovendo um resultado satisfatório e emocionante para todo o grupo.

#### **Participantes das Oficinas de Capacitação:**

Flavimar Aparecido Pedro  
Maria de Lourdes Kerche do Amaral  
Rosa Alves  
Tânia Lima Barreiro Causin  
Valéria de Lima Silva Santo



#### **Datas das Oficinas:**

fevereiro : 17 e 24  
março: 09, 14 e 22  
abril: 04 e 26

**Temática de cada oficina:**

Bem Patrimonial;

Educativo de Museus;

Programa educativo;

Público de Museus;

Curadoria exposição (participação Prof. Jonas).

**Participantes das oficinas de capacitação de modo presencial - educativo e receptivo turístico:**

Flavimar Aparecido Pedro

Maria de Lourdes Kerche do Amaral

Rosa Alves

Tânia Lima Barreiro Causin

Valéria de Lima Silva Santo



**Data das Oficinas:**

Março: 28 e 29

**Temática da Oficina:**

28 - Manhã - sistematização e programa educativo;

28 - Tarde - receptivo turístico;

29 - manhã - treinamento receptivo e visita mediada na exposição.

**Capacitação de modo presencial - higienização acervo:**

Participantes:

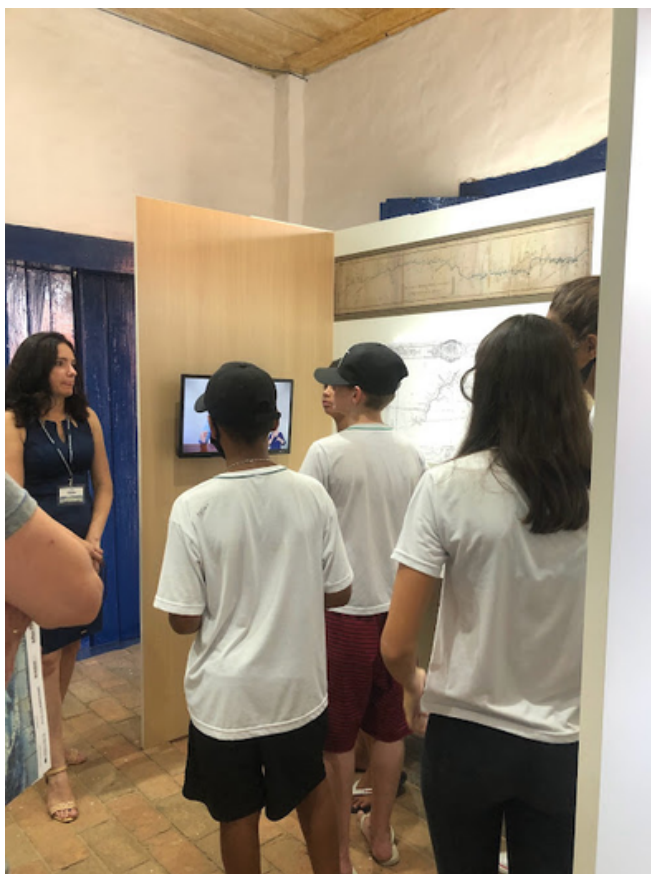
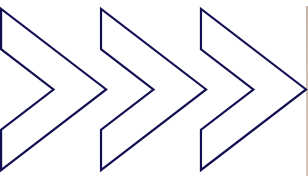
Tânia Lima Barreiro Causin

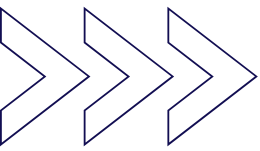
Valéria de Lima Silva Santo

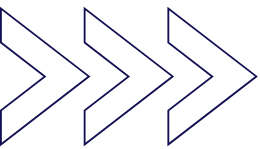
Data da ação:

Janeiro: 15 e 29

Fevereiro: 12 e 19







## **Produção de Material Impresso - desenvolvido para os setores do Educativo e Comunicação:**

Banner;  
Folder;  
Caderno atividades;  
Caderno professores.

### **Áreas Atendidas:**

Banner - comunicação  
Folder - público diverso  
Caderno atividades - estudantes ensino fundamental I  
Caderno professores - professores ensino fundamental I e II

### **Quantidades Produzidas:**

Banner - 1  
Folder - 1.000  
Caderno professores - 200  
Caderno atividades - 2.000

\*Dentre os recursos a serem produzidos, havia sido planejado algumas impressões em 3D de objetos selecionados do museu, para serem utilizados no educativo para o desenvolvimento dos trabalhos principalmente com as crianças. Todavia, devido a dificuldade da produção dos materiais com empresas da região de Porto Feliz, optamos pela compra de alguns objetos em antiquários na região de Porto Feliz e Itu.

TIETÊ  
R|O MÓVEL

ESTRADA LÍQUIDA

O RIO - O HOMEM - O LUGAR



**ABERTURA: 30 DE MARÇO - 14h00**

Local: Casa Da Cultura Dona Narcisca Stettener Pires.  
Endereço: Rua Tristão Pires - Porto Feliz/SP.

Apoio Institucional:

Realização:



Secretaria de Cultura e Economia Criativa

### De Araratiguaba a Porto Feliz: de freguesia a vila.

A antiga Freguesia de Nossa Senhora da Penha de Araratiguaba, criada nas primeiras décadas do século XVIII, foi elevada à condição de vila no reinado de D. Maria I, rainha de Portugal, sendo governador da capitania de São Paulo Antônio Manuel de Melo Castro e Mendonça. O anúncio desse ato foi realizado no dia 13 de outubro de 1797.

O povoado às margens do lendário rio Tietê, conhecido como Araratiguaba, pertencia até então ao termo da vila de Itá. Manteve o nome indígena até 1797. Com a nova condição de vila, passou a se chamar Porto Feliz e alcançou a sua autonomia. A vila era uma unidade política e administrativa autônoma equivalente a município, com direito a ter Câmara e cadeia. Conquistada essa condição, uma das primeiras providências foi o levantamento do Pelourinho, uma coluna que simbolizava a autonomia, geralmente feita de pedra. O termo era o território da vila, dividido em freguesias. A sede do termo ficava nas respectivas vilas ou cidades. A portaria assinada pelo governador do capitania concedia à freguesia de Araratiguaba a condição de vila, denominando-a Vila de Porto Feliz.



Inauguração do Parque das Menções. Do esp. p. direito, Tanayz, depois Afonso Arantes e Casarão Murto, 1920.

Casa Da Cultura Dona Narcisca Steffener Pires  
R. Trindade Pires, Porto Feliz - SP, 18540-000, Porto Feliz - São Paulo | (15) 3262-4788

TETÊ  
R|O MÓVEL  
ESTRADA LÍQUIDA  
O RIO | O HOMEM | O LUGAR



Apoio Institucional:



Realização:



O curso do Tietê teve papel fundamental no processo de construção do espaço da América portuguesa. O rio nasce nas serras da Serra da Mantovani, a leste do rio Tietê, a 22 Km da Orlada Atlântica, a esteira para Itaipava, cortando o atual Estado de São Paulo e passando por 72 municípios até desaguar no Rio Paraíba, entre Itaipava e Curitiba. O seu leito tem 1136 quilômetros com um aprofundamento na zona 1,20 metros acima do nível do mar para facilitar na velocidade de 220m. As suas águas, potabilizadas em Porto Feliz, percorrem mais de 3,7 mil Km antes de serem lançadas no oceano de Porto.

O grande potencial de sua navegação foi explorado para construção de barragem destinada à produção de energia hidráulica. A declividade do leito do rio é bastante variável. Acelerada no primeiro trecho, na zona do Açu, reduz-se à medida que se aproxima do planalto paulista. Este o município de São Paulo até os municípios de Jolite e Ita, em um percurso de cerca de 80 Km, a declividade máxima atingida cerca 200 m/Km. Deixar de descer, até o desembocadura, a declividade média cai a 30m/Km, favorecendo a navegação.

Correndo do Paraíba Atlântico, o rio mais elevado do Estado de São Paulo, na direção do Depressão Periférica, que compreende a zona área relativamente elevada em relação aos rios, o rio atravessa uma região caracterizada pelo entalhe de uma "falha" ou linha de queda, que apresenta características, cores e paisagem que, destacadas a cabeceira de São (Itaipava), que desce a duas cidades: São e Ita.

A posição de contato entre o Paraíba Atlântico e a Depressão Periférica foi estudada pelas colonizações em razão da existência de recursos ligados à mata, aos áreas serranas, e às serras favoráveis à pecuária e agricultura, nas áreas planas os agricultores se fixaram. O contato do rio em direção ao oeste o mantiveram em estado quase nos primeiros séculos da colonização. A presença do rio de queda variável e seu aproveitamento para o comércio de energia elétrica desde o século XVIII.

Porto Feliz, sede da navegação comercial do Tietê. 1827. Porto - SP, SISEM. Gravura projetada no Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina. Arquivo Histórico do Estado de São Paulo. Reprodução de acordo com o que se encontra no Arquivo de Bombril, São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1979. Coleção do Arquivo Histórico do Estado de São Paulo, São Paulo, 1977.



### A ESTRADA MÓVEL

Segundo os pesquisadores, o rio Tietê tem entre 10 e 15 milhões de anos. Desde seus deságuas, a presença humana nas suas margens é um pequeno ponto nessa longa escala de existência. Os documentos escritos mais antigos foram referências a um porto ao longo esquerda, nas proximidades do Capela de Nossa Senhora da Candelária de Itaipava, em princípios do século XVII. Em o porto de Araratiguaba, porto do partido de São de Capela Xerxi, em 1628, para o Caxid Real de Guarani, e por ele denominada de Freguesia de Araratiguaba.

Desde então, no século XVIII, sob o nome de expedições mercantes, o que fez com que nos portos o primeiro nome fosse mudado para uma outra denominação, mais definitiva, e que melhor consideraria os navegadores os bens e artigos necessários à vida agrícola: Araratiguaba, Porto Feliz, Itaipava, Araratiguaba e depois referência histórica obrigatória a quem estuda o roteiro dessas viagens fluviais, não ficando sem o índice dos rios.

### AS MONÇÕES

O Tietê é um dos cursos d'água mais impressionantes do país. Corte o estado de São Paulo praticamente de leste a oeste, passa por centros urbanos de diferentes portes e é referência geográfica da maior cidade do interior do Sul. É o elemento mais importante do rio foi a estrada móvel, palco de prêmios esportivos, fonte de geração de energia hidráulica e hoje é explorado como rota privilegiada de transporte fluvial.

Até no século XVI, os colonizadores europeus certamente ficaram admirados ao perceberem que, apesar de os rios do Tietê estar nas proximidades do mar, o rio tomava o curso do sentido desconhecido. De São Paulo a Barroca era possível navegar, tornando-se o porto de São Paulo o principal ponto de partida para o rio Tietê. No século XVIII, algumas tentativas de navegação a partir de um porto próximo a atual cidade de São Paulo (Porto Feliz), mas foi o porto de Porto Feliz que o rio se tornou uma via para alcançar o sertão, mesmo antes do momento decisivo. Ao longo do tempo, surgiram as expedições dos sertanejos e o profundo conhecimento indígena do território, que possibilitou a fixação pelo sertão.

O sistema de navegação especializada pela necessidade de se manter um comércio regular de mercadorias com o interior levou pelos mercadores e tropeiros quanto pelos missionários, comerciantes e aventureiros, caçadores e soldados. As viagens fluviais foram essencialmente estimuladas pelos bandeirantes Afonso de Ezequiel Tanayz e Sérgio Botelho de Holanda e por outros autores, que habitaram do quarto dos bandeirantes e tropeiros.

Diferentemente dos bandeirantes, as expedições fluviais que se realizavam com frequência entre Araratiguaba e Curitiba nos séculos XVIII e início do XIX, compreendendo os rios Tietê, Paraíba, Paraná, Corumbá, Itaipava, Paraguai, São Lourenço e Curitiba.



A paisagem de Araratiguaba, no Rio Tietê, em Porto Feliz - SP, gravada de um desenho de 1827. Arquivo Histórico do Estado de São Paulo, São Paulo, 1977.



Imagem de uma paisagem fluvial com embarcações e edifícios ao longo das margens, representando a Estrada Móvel.

A rota das expedições começou a ser usada regularmente a partir dos anos de 1720, com o descobrimento do ouro no rio Cuiabá e outros afluentes do rio Corumbá, tornando-se uma rede de "estradas fluviais" explorada para a fundação de vilas, povoamento do território, busca de metais preciosos e abastecimento e comércio com os rios da fronteira.

A primeira expedição teve o seu origem no drácula, usado para designar certos indivíduos que determinavam o melhor época para navegar no oceano Índico. Na América portuguesa, o termo começou a ser usado para designar os viajantes, de acordo com o regime das águas. A época mais favorável para as expedições entre Araratiguaba e Curitiba aconteceu entre fins de março e meados de junho, depois do período mais intenso das cheias e antes das secas. Conseqüentemente, o duração dessas viagens era de cerca de cinco meses, o mesmo período que levavam os viajantes de Portugal à Índia.

LICENÇA E ATRIBUIÇÃO: Reprodução de acordo com o que se encontra no Arquivo de Bombril, São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1979. Coleção do Arquivo Histórico do Estado de São Paulo, São Paulo, 1977.

A	R	A	B	I	T	A	G	U	A	B	A	X
G	I	Z	A	M	O	R	V	M	O	L	Z	M
Y	O	L	H	O	F	X	O	W	O	C	E	E
C	Y	Z	T	N	U	V	E	M	A	S	V	M
A	I	S	P	U	V	A	C	A	U	L	G	O
N	E	X	T	M	O	R	C	O	E	S	A	R
O	Y	F	R	E	G	U	E	S	I	A	L	I
A	E	A	E	N	A	V	I	O	K	W	O	A
X	C	P	A	T	R	I	M	O	N	I	O	R
Q	Y	I	P	O	R	T	O	F	E	L	L	Z

Vamos encontrar as palavras relacionadas à história de Porto Feliz?

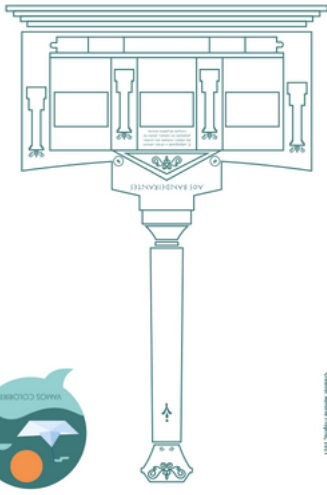
Observe o alfabeto e procure cada letra pelas que vem antes. Você vai encontrar informações sobre a Rio Tietê.

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

N QHN SHSD, CDRC RTA MARBDMSD - DL RAKDRNONKHR, ASD RTA ENX, QHN OAGAMA, SDI TL BNLQGHDMSN CD 1136 KM, OARRAMCN QNG 62 BHCACDR QATKHSAR.



Porto Feliz tem o nome de homenagem à 1ª Marinha de Artilharia, fundada em Porto Feliz, São Paulo, em 1763, para defender o território do Estado de São Paulo contra os ataques dos índios. O nome foi escolhido em homenagem ao primeiro governador do Estado de São Paulo, o Visconde de Albuquerque, que foi o primeiro a estabelecer o município de Porto Feliz.



Elaboração: Prefeitura Municipal de Porto Feliz, 2011.



# TIETÊ RJO MÓVEL ESTRADA LÍQUIDA O RIO | O HOMEM | O LUGAR



Apresentamos a obra de arte que é o rio Tietê, um dos mais importantes cursos d'água do Estado de São Paulo. A obra é composta por uma série de painéis que mostram a história e a importância do rio para a região.



Esta obra foi desenvolvida em parceria com a Prefeitura Municipal de Porto Feliz, o SISEM e o Governo do Estado de São Paulo. O objetivo é promover a conscientização sobre a importância do rio Tietê para a região e a preservação do meio ambiente.

Como importante integrante do sistema de drenagem urbana, o rio Tietê desempenha um papel fundamental na preservação do meio ambiente e na qualidade de vida da população. É importante que todos tenham consciência da importância do rio e adotem medidas para sua preservação.

Para saber mais sobre o rio Tietê, visite o site da Prefeitura Municipal de Porto Feliz ou contate o Serviço de Atendimento ao Cidadão (SAC) da Prefeitura. Também é possível encontrar informações sobre o rio Tietê em livros e revistas especializadas.

Se você quiser saber mais sobre o rio Tietê, visite o site da Prefeitura Municipal de Porto Feliz ou contate o Serviço de Atendimento ao Cidadão (SAC) da Prefeitura. Também é possível encontrar informações sobre o rio Tietê em livros e revistas especializadas.

Se você quiser saber mais sobre o rio Tietê, visite o site da Prefeitura Municipal de Porto Feliz ou contate o Serviço de Atendimento ao Cidadão (SAC) da Prefeitura. Também é possível encontrar informações sobre o rio Tietê em livros e revistas especializadas.

Se você quiser saber mais sobre o rio Tietê, visite o site da Prefeitura Municipal de Porto Feliz ou contate o Serviço de Atendimento ao Cidadão (SAC) da Prefeitura. Também é possível encontrar informações sobre o rio Tietê em livros e revistas especializadas.

Se você quiser saber mais sobre o rio Tietê, visite o site da Prefeitura Municipal de Porto Feliz ou contate o Serviço de Atendimento ao Cidadão (SAC) da Prefeitura. Também é possível encontrar informações sobre o rio Tietê em livros e revistas especializadas.

Se você quiser saber mais sobre o rio Tietê, visite o site da Prefeitura Municipal de Porto Feliz ou contate o Serviço de Atendimento ao Cidadão (SAC) da Prefeitura. Também é possível encontrar informações sobre o rio Tietê em livros e revistas especializadas.

Se você quiser saber mais sobre o rio Tietê, visite o site da Prefeitura Municipal de Porto Feliz ou contate o Serviço de Atendimento ao Cidadão (SAC) da Prefeitura. Também é possível encontrar informações sobre o rio Tietê em livros e revistas especializadas.





TIETÊ  
R|O MÓVEL



ESTRADA LÍQU|DA  
O RIO | O HOMEM | O LUGAR



Apoio Institucional:



Realização:





TETE

RIO MÓVEL

ESTRADA LÍQUIDA

O RIO O HOMEM O LUGAR



Apoio Institucional:



Realização:





Equipe Engenho Cultural + Equipe Prefeitura de Porto Feliz

"Eu vejo um museu de grandes novidades.

O tempo não para".

(Cazuza. O tempo não para - 1988)